

## CORPOS INSURGENTES

Pâmella Mochiute Cruz

*INSURGENT BODIES* (eng); *CUERPOS INSURGENTES* (esp); *CORPS D'INSURGÉS* (fra).

CORPO do latim “*corpus*”: estrutura física, substância material de pessoas ou animais. Constituição material de objetos, edifícios. / Práticas sociais colocam em ação o corpo – movimentos, gestos do trabalho, cuidados corporais, imagem diante do outro. / Representações da materialidade da vida humana. / Corpo como produtor de informações, explícitas e implícitas. Corpo como instrumento de poder e subjetivação. INSURGENTE do verbo “*insurgir-se*”. Do latim “*insurgire*”: rebelde, aquilo ou aquele que se opõe a algo ou alguém (adjetivo) / Pessoa que se revolta contra um poder pré-estabelecido (substantivo) / Expressam, contradizem, opõem-se / Levantar-se contra um poder preestabelecido / Qualidade de emergir; fazer surgir.



FONTE: Flávio de Carvalho, New Look, 1956. Desenho e caminhada pelas ruas da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://acidadedohomemnu.blogspot.com/2010/04/flavio-de-carvalho.html>. Acesso em nov.2021.

Corpos insurgentes que desafiam discursos autoritários e dispositivos de poder com bases em experiências que não consideram o corpo e sua performance como algo dado a priori, determinado previamente ou biologicamente. Corpos que não vestem e aderem as subjetividades sociais que lhe são impostas. Corpos que existem em redes de resistências, oposições às práticas hegemônicas.

Sujeitos que criam “outros enunciados performativos”, maneiras de ser, ações, gestos, palavras e táticas que rompem estruturas vigentes, causando um efeito real na vida cotidiana.

Corpos insurgentes se revoltam contra os poderes pré-estabelecidos, as normas sociais, o direito soberano do discurso biopolítico. Existências que fazem emergir

dissensos, provocam fissuras e, por muitas vezes, são considerados ilegíveis, anormais, abjetos.

Rupturas nas formas de submissão e nos instrumentos para que essa ocorra, isto é, romper o universo imaginário e das práticas sociais daquilo que é continuamente ensinado, reiterado dentro das lógicas hegemônicas de poder.

Corpos que fazem emergir sistemas de ideias e representações inusitados, improváveis, inconstantes, faz surgir movimentos, relações e ações que desestabilizam o poder vigente e a própria linguagem.

No campo do cotidiano e cultura, muitos artistas criam ações com seus próprios corpos que rompem com sistemas de poder e representações previamente estabelecidos e normalizados, são performances, intervenções relacionais e imagens que desestabilizam os poderes vigentes, por vezes, sendo consideradas inusitadas, ilegíveis. São obras que se partem das experiências de vida, enfrentamentos e inquietudes dos próprios artistas diante do mundo e suas regras. Conforme diz Butler, nesse momento nasce uma “[...] prática questionadora que se apresenta sob a seguinte forma: ‘O que então sou eu – eu que pertença a esta humanidade, talvez à margem, nesse momento, nesse instante de humanidade que está sujeitado ao poder da verdade em geral e das verdades em particular?’” (BUTLER, 2013, p. 171).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Volume I: A vontade de saber. Ed. 13ª. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MESQUITA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. São Paulo: Annablume, 2011.

MORAIS, Gabriela. **O corpo da mulher enquanto resistência: sobre a insurgência por meio de um direito novo**. Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34116>. Acesso em nov.2021.

**Dicionário online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/insurgir/>. Acesso em nov.2021.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil** [novembro de 2017b]. São Paulo: Folha. Disponível em:



<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-ofantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>>. Acesso nov.2021.

